



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

RUBEM BRAGA: CORRESPONDENTE DE GUERRA NA ITÁLIA

Maria de Lourdes Patrini Charlon (UFRN/CNPq)

RESUMO:

Em 1944, Rubem Braga, cronista e jornalista brasileiro, parte para a Itália - rumo a Segunda Grande Guerra Mundial - como correspondente de guerra do jornal *Diário Carioca*. As “histórias” desta experiência única e irreproduzível corporificada em escritura, produzidas durante a guerra, foram acolhidas por suportes diferentes e em tempos diferentes, transferidas e apropriadas por receptores, experiências e performances diferentes. O pesquisador, por meio de sua prática analítica que abriga: objeto, método, mas também um texto/escritura: fonte de significados e interpretação, está diante do “outro” materializado em escritura/texto e, desta forma, em narrativas que abrigam interlocuções de vozes, de contextos e apagamento de fronteiras. Nas crônicas da guerra tem-se o registro da vivência do campo de guerra, onde questões relativas aos sujeitos e aos objetos da tradução cultural estão expostas na experiência da escritura.

Palavras-chave: crônicas, mediações, transferências culturais, fronteiras, aculturação.

Rubem Braga esteve na Itália de setembro de 1944 a abril de 1945, cobrindo como jornalista/correspondente de guerra a participação do Brasil junto aos aliados, na Segunda Guerra Mundial. Quanto à sua produção realizada durante a guerra¹, priorizo, neste trabalho, as crônicas publicadas no jornal *Diário Carioca* em 1944/1945.

Os jornalistas independentes viajaram no segundo e terceiro escalões. E Rubem Braga diria que só “chegou à Itália porque era teimoso e porque o diretor do *Diário Carioca* superou todas as dificuldades para enviar seu correspondente à Itália” (CARVALHO, 2007, p.15). “Quando afinal cheguei (e cheguei lá porque sou teimoso), havia, contra os correspondentes, um ambiente de desconfiança² e mesmo de má

¹ Em agosto de 1990, tive a oportunidade de visitar Rubem Braga em seu apartamento, no Rio de Janeiro. Acompanhou-me neste encontro, único e inesquecível, o correspondente de guerra e jornalista Francis Hallawel. Desde a guerra, os dois correspondentes não haviam mais se encontrado. Rubem Braga falou sobre o seu livro de crônicas da guerra. Revelou-me o seu descontentamento, chamando-me atenção para o seu propósito inicial. Braga lembrou também os esforços de companheiros que, como ele, pretenderam contar a experiência sentida da guerra.

² Em *Estrada 47*, filme de Vicente Ferraz, 2015, sobre a participação da F.E.B., na Segunda Guerra Mundial há uma cena onde está muito bem retratada a desconfiança existente entre os militares e os jornalistas.

vontade que prejudicava muito o nosso trabalho, desabafa Rubem Braga” (BRAGA, 1985, p.7).

Assim, o correspondente de guerra partiu para a Itália encarregado, pelo *Diário Carioca*, de cumprir uma tarefa: enviar ao jornal textos jornalísticos que abordassem os fatos da guerra. “A ideia de ir à Itália o apaixonava não como turista, como curioso, como repórter. Apaixonava o lutador antifascista da primeira hora. Ia o soldado de antigas lutas participar da luta maior.” (LESSA, 1945, *Diário Carioca*, 17/05/1945).

Rubem Braga levou em sua valise o desejo de fazer desta empreitada uma causa também particular: “Rubem pensava em contar, dia a dia, a vida e a luta dos pracinhas numa linguagem simples e clara, sem grandes apelos a heroísmos e grandiloquência. [...] O cronista precisava daquilo; deixou bem claro que estava indo para uma guerra e que não sabia quando e se voltaria” (CARVALHO, 2007, p.15 e 17).

Naquela manhã de 22/09/1944, a escolha já estava feita. Partir sem tempo certo para voltar ao seu país de origem. Sabemos que o exílio, a migração de intelectuais motivada por problemas políticos, pela guerra, entre outros, promovem a mobilidade e o deslocamento que exigem o rompimento de fronteiras.

Sobre a noção de mobilidade, minha proposta neste texto é trabalhar conceitos e considerações teóricas e metodológicas adotados pela pesquisadora e estudiosa do assunto Helenice Rodrigues, em seus trabalhos de pesquisa. A pesquisadora apoiada nas considerações do filósofo Gilles Deleuze: “[...] o nomadismo (“mobilidade” para Deleuze) “refere-se a uma prática geográfica de migração, mas também a alguma coisa de irredutível na identidade humana”. (RODRIGUES, 2008, p.13). E, o correspondente de guerra parecia ser a prova disto.

Assim, seguindo o tema proposto pelo simpósio: “Um arquivo ítalo-brasileiro para a contemporaneidade”, este trabalho tem como proposta apresentar através da produção do correspondente de guerra, os entrelaçamentos de vozes narrativas; modos alternativos de percepção de práticas de escritura e de construção de *selves*. O mundo, Brasil e Itália, o “eu” e o “outro” em permanente confronto.

Rubem Braga viveu essa experiência ímpar juntamente com os soldados brasileiros que arregimentados pelo regime ditatorial brasileiro e pela guerra, partiram naquele navio para a Itália. Mas se a partida significa mobilidade, ela presume contatos, encontros e trocas culturais. Braga “[...] Fugia por um momento irrespirável a que a ditadura nos constringia. Ninguém mais do que Rubem Braga o podia saber.” (LESSA, *Diário Carioca*, 17/05/1944).

Todos a bordo ... “E a Cobra Fumou”

22 (14h.) Saímos. Adeus Rio de Janeiro, oh! Cidade, oh! Flamengo, oh! Copacabana, invisível Leblon.
Caderneta de notas (texto inédito)

Afinal o navio se move. Agora vamos. “... E A Cobra Fumou”. (BRAGA, 1945/1985, p.9-10). Inicia-se a travessia, inédito percurso transoceânico Alguns cruzamentos previstos. Mas os tripulantes do navio desconheciam o porto destinado a lançar âncoras. Para os pracinhas o destino conhecido era a guerra. Durante a viagem e em solo italiano, o cronista produziu e publicou quase uma centena de crônicas. Textos gerados em meio ao desconforto de uma viagem onde:

“O “pracinha” sua na escuridão vermelha do navio fechado [...] 379 pracinhas empilhados, as luzes foram apagadas [...] uma parte da tropa enjoou horivelmente [...] Havia pracinhas chegados há pouco tempo do interior e nunca tinham visto o mar em sua vida. [...] Em cima daquelas lonas, viajaram muitos homens para muitos destinos diferentes.” (BRAGA, Diário Carioca, 31/10/1944, p.1 e 10).

Em plena viagem, os tripulantes do navio iniciam de forma casual, quase acidental, neste momento, os primeiros contatos com o espaço da guerra que os aguarda. A língua, enquanto instrumento de comunicação, permite que os fenômenos de circulação e de transferência de conhecimento circulem entre os homens vindos daqui e de lá: Em “Além do C – 503 – L é o fundo do mar”, Braga inicia seu texto: “O soldado inglês é um *tommy*, o francês é um *poilu*, o brasileiro é o *pracinha*. Agora o pracinha vai à guerra”. Nomear-se em línguas diferentes, um salvo conduto, um primeiro passo para a identificação de “si” e do “outro”. Quem é quem? De onde? As variações linguísticas promovem o reconhecimento, e, assim, inaugura-se o primeiro contato. Nomeia se os materiais, o vestuário do “pracinha”:

[...] um pesado colete de lona impermeável cheio de paina, que a gente tem de carregar dia e noite. É grosso, incômodo, sujo. Uns o chamam de “para-queadas”, outros de “tatu”, outros, mais elegantes, de “renard” (BRAGA, 1944).

Primeiras impressões: simples transposições linguísticas, pequenos registros de uma história que se inicia e de outras tantas histórias que serão contadas.

“Ali, naquele mesmo beliche onde está esticado o corpo suado do nosso pracinha, já estive o corpo de um soldado americano que ia atravessando o Atlântico para leste, ou o Pacífico, para oeste, para lutar. Ali estive o corpo de um soldado francês que já ia lutar pela sua terra escravizada. Ali já estive o corpo de um italiano que ia preso para a América, depois de lutar pelo seu *Duce* ridículo. Este navio tem andado por muitos mares e levado muitos homens para a guerra ou para a paz.” (BRAGA, 1944).

Resgata-se a história presente e passada. A viagem segue.

“... E a Cobra Fumou”, crônica escrita durante a viagem e publicada no *Diário Carioca* em 24/10/1944. O leitor atento pode perceber na leitura desta primeira crônica as marcas sutis, mas obstinadas da censura. Contudo, havia para o leitor do jornal, ainda que sutilmente, a possibilidade de leituras subliminares que desafiavam os fatos e a censura. Quem conhece as crônicas da guerra de Rubem Braga via livro, jamais viverá a mesma experiência de leitura dos textos publicados no jornal que, de forma peculiar, promove a captação dos momentos mais sutis da escritura do correspondente. A leitura de uma crônica publicada no jornal, no calor dos acontecimentos, ou mesmo após décadas e a revisão dos fatos, ainda assim, ela contém a força e a crença que Rubem Braga, como correspondente de guerra, ousou desafiar: as forças da censura. “[...] ele escrevia sob censura prévia. [...] Muitas vezes seu nome deixou de aparecer no jornal: a crônica fora devorada pelo DIP.” (LESSA, “O pracinha Rubem Braga”, *Diário Carioca*, 17/05/1945).

A bordo, uma experiência de nomadismo

Não se trata aqui de considerar as narrativas como fontes de dados ou numa perspectiva de reprodução ou espelhamento da vida social, mas que, enquanto uma prática de escritura, a narrativa problematize os códigos, as relações, as convenções, as orientações, as trocas, as transmissões e as apropriações que compõem aquilo que chamamos de cultura. Confirmando os pressupostos teóricos e metodológicos adotados neste trabalho de análise e interpretação dos textos de Braga, resalto mais uma vez os adotados pela historiadora e professora Helenice Rodrigues em suas pesquisas. A citada pesquisadora ao discorrer sobre o método comparativo utilizado nos estudos das transferências culturais afirma que: “A comparação, um princípio indispensável ao estudo das áreas culturais, revelou-se, no entanto, insuficiente para enfatizar os mecanismos de aculturação e de transferência. Se ela é eficaz para opor os grupos sociais entre si, enfatizando mais as divergências do que as convergências, a comparação não cessa de reforçar as clivagens nacionais, impossibilitando a abordagem de uma historiografia transnacional.” (RODRIGUES, H. 2010, p. 212).

Neste sentido, é que abordarei a história do pracinha Juan, texto enviado por Braga ao *Diário Carioca* em 26/10/1944. Juan 22 anos, soldado raso, um protagonista migrante, brasileiro, nascido em Sorocaba, no estado de São Paulo. Ele conta sua história e o narrador cede seu lugar ao protagonista: “Eu tinha cinco anos, os meus pais que eram espanhóis resolveram voltar para a Espanha”.

“Cresceu em Madri, onde seu pai era trabalhador. Um dia – tinha 14 anos – ouviu no rádio a declaração do general Miaja [...] Juan pegou em armas. [...] Depois voltou para casa: era muito criança [...] Juan entrou para a Brigada Internacional. Havia ali americanos ingleses, poloneses, franceses, italianos, alemães, brasileiros, homens de todas as raças [...] Juan foi para Truel. Tropas de mouros, italianos, alemães e espanhóis lutavam ali ao lado de Franco contra a República [...] Truel foi tomada [...] Juan passou para um batalhão espanhol [...] e lutou até o fim da guerra. [...] Juan foi procurado pela polícia franquista [...] voltou para Madri [...] Um dia, Juan soube que o Brasil tinha entrado na guerra contra a Alemanha, e lembrou-se que era brasileiro. [...] Aqui está ele, o pracinha Juan. [...] Quer lutar contra os nazistas [...] e agora veio à Itália.”

A narrativa é pontuada pelos deslocamentos do protagonista. O narrador, por sua vez, não despreza nenhuma oportunidade de se servir do recurso de encaixes. Eles imprimem na narrativa as histórias de familiares e de amigos que oriundos de diferentes países adotaram a mobilidade e a circulação em busca de um mundo mais justo e livre. A contextualização traça vivências e [...] “Assim apreende-se o contexto cultural que motiva uma criação intelectual” (RODRIGUES, 2010, p.213).

Intercaladas em meio à narrativa pela voz do narrador, estas histórias abrem o diálogo e, assim, narrador e protagonista sedimentam a trajetória de suas experiências. Os deslocamentos e as vivências múltiplas e híbridas compartilhados com companheiros em espaços culturais distintos geram um amálgama de intersecções plurais entre os personagens, entre os pracinhas brasileiros, e que, certamente, se estenderão aos outros soldados, em solo italiano. Lá, onde tantos “Juans” estarão movidos por interesses comuns.

Um espetáculo inesquecível aos olhos dos viajantes

Em 4/11/1944, o correspondente de guerra envia ao *Diário Carioca* a crônica “O episódio do submarino e as luzes de Tãnger”, publicada em livros com o nome de “Gibraltar”. Ainda em viagem,

[...] ficamos até a noite vendo as terras da Espanha. [...] Depois de Algeciras (onde Franco desembarcou com seus mouros para liquidar a República), o rochedo de Gibraltar. [...] Ali naquele naco da Espanha, os ingleses vigiam a entrada do *mare nostrum* de Mussolini. [...] A boroeste, outros homens contemplavam Ceuta. Mas o grande entusiasmo foi Tãnger.

O poético remete o narrador para a primeira pessoa. Discurso interior? Mas a realidade o desperta: “[...] Sabemos que neste mar ainda há portos de onde podem partir

navios, aviões, submarinos nazistas.” Num ziguezaguear o narrador volta para a primeira pessoa do plural e se junta à tropa. O olhar passa a ser coletivo. Aos poucos “outros homens também contemplam o Ceuta”. O narrador logo ganha um certo distanciamento. Fala de si e dos outros. O “eu” e o “eles” estão na narrativa. Num discurso dialógico, outros enunciadores ganham espaço e, passam a exprimir as suas emoções diante da beleza que se apresenta. Mas o cronista se distancia e dono do seu contar, informa ao leitor: “Agora todos (eles) já sabem com certeza para onde vamos – Nápoles – e o dia da chegada. E então todos começam a fazer planos: e depois cada um se afasta para um canto para escrever sua carta.” (BRAGA, *Diário Carioca*, 1944). Ao assumir a escritura autográfica, eles textualizam em suas cartas o seu contar. A experiência de deslumbramento vindo de “outras terras” é experimentada por cada tripulante. Mas, nesta viagem, eles estão em grupo, e, um grupo que atravessa a fronteira, transforma “as ideias e os valores transportados”. (RODRIGUES, H., 2010, p.204). E, assim, pouco a pouco “Rubem vai fundo na alma do pracinha brasileiro e, pelos seus olhos, também mergulha na alma dos “tedescos” e dos ”paisani”.” (*A Tarde*, 21/12/1990, Salvador, Bahia).

Os soldados e o correspondente de guerra tocam o solo italiano, é chegada a hora do reconhecimento. A cidade de Nápoles passa a ser o cenário onde os fenômenos de mobilidade, de deslocamento e de re-apropriação estarão expondo as relações recíprocas e mestiçagens que eles promovem.

Textos produzidos a cada dia, narrando a atuação das tropas brasileiras junto aos aliados. Crônicas que relatam o miúdo do dia a dia, as cartas recebidas, as crianças atingidas, o inimigo sempre a espreita, o sorriso sofrido das mulheres solitárias, mas destemidas, as virgens das capelas que o artista esculpiu, mas que as rajadas da granada agora destroem, enfim, experiências, histórias, fatos que aterrorizam, mas que propiciam as trocas, que engrandecem laços, e inauguram os contatos de mão dupla que serão confrontados “[...] à conjuntura da mundialização do conhecimento, ao retorno da hermenêutica e à problemática das “transferências culturais”, conforme apresentadas pela pesquisadora e historiadora Helenice Rodrigues:

o estudo das imbricações interculturais abriu espaço ao enfoque transnacional, do transversal e do cruzamento cultural. Permitindo ultrapassar o quadro nacional do pensamento, as “transferências culturais” acentuaram as inter-relações e suas mestiçagens, rompendo, desse modo, com os limitados estudos sobre as relações ou as influências culturais, incapazes, segundo Michel Espagne, de “confrontar os elementos exteriores à tradição nacional”. (RODRIGUES, H., 2010, p.205)

A Cidade de Nápoles

O correspondente de guerra apresenta ao leitor brasileiro a cidade de Nápoles. E os efeitos da guerra sobre a cidade italiana. E, assim, os moleques protagonistas da cidade e do texto ganham espaço. No jornal o título é: “Os moleques de Nápoles libertaram a cidade”, publicada no dia 13/12/1944. Após o título as chamadas: “Os “Scugnizzi”, Belos Moleques Esfarrapados – Livres como os Ratos e os Pardais – Os alimentos São Poucos e Caros - Em Primeiro Lugar os Civis.” Estas chamadas incitam e provocam o interesse do leitor. O cronista movimenta-se lentamente nas malhas do seu contar. Era preciso interiorizar a nova realidade para alcançar a readaptação do novo, do desconhecido e, ao mesmo tempo, atrair seu leitor para este novo campo.

O narrador que tudo sabe e tudo vê, apresenta, solenemente, ao seu leitor: os *Scugnizzi*. Eles eram agora protagonistas de um novo contexto histórico que se abria aos olhos dos pracinhas viajantes e dos leitores brasileiros. No último parágrafo, o narrador se move e dirigindo-se aos seus interlocutores, ele diz:

Os italianos sabem que devem sua libertação às armas aliadas. Mas perguntem a qualquer homem do povo, em Nápoles, quem expulsou os nazistas da cidade, e ele, apontando para alguns moleques, e sorrindo, dirá com verdadeiro orgulho: - “*Gli scugnizzi!*”
BRAGA, 1944

Desta forma, fomentar reflexões em torno da escritura da guerra de Rubem Braga, nas suas diversas formas, significa problematizar o olhar do correspondente sobre o outro, permitindo entrever as etapas e as modalidades de uma abordagem de pesquisa que privilegia: produção, circulação, transmissão e que requer uma pesquisa interdisciplinar. As narrativas, longe de serem formas discursivas neutras, tracejam e assumem diversos modos de representar o mundo, o homem e suas experiências.

O narrador em terras italianas observa enquanto pinça os fatos. Ao leitor fica, às vezes, a impressão de que um grande silêncio invadiu o narrador. Ele também realiza solitariamente este encontro com o “outro”. A guerra, exposta no espaço da cidade, perambula entre os homens. “O espaço da mobilidade (nomadismo) exige a encarnação de um outro esquema identitário”, do narrador e seus ouvintes. (DELEUZE E GUATTARI, 1980, p. 298). São dois mundos que se confrontam e que se traduzem: O Brasil e a Itália:

Já em “Saia da frente se não mamãe não me vê no cinema”, crônica publicada em 02/11/1944, no *Diário Carioca*, traz um cronista porta voz dos pracinhas. Mas entre as malhas do narrar, ele acaba se integrando aos desejos e anseios dos soldados rumo à guerra. Narrador atento, capta, extrai e apreende o que há de mais significativo nos

mecanismos de transposição, de re-apropriação e de readaptação dos pracinhas em outras terras. O tempo custa a passar e, assim,

“[...] alguns procuram aproveitá-lo lendo os regulamentos de suas unidades ou aprendendo línguas. Eles se preparam para viver no mundo do “outro”. Há uma expectativa, por isto pensam em se preparar para o mundo e os homens que eles terão que conhecer e viver. Assim, ‘uma variedade de compêndios de inglês e italiano apareceu no salão: inglês sem mestre, o italiano em 40 lições, o inglês tal qual se fala, como aprender italiano em uma semana etc. – as aulas se improvisam por toda parte. Os homens da tripulação, de boa ou má vontade, servem de professores e atendem nas horas de folga os que querem praticar; alguns aprendem suas frases em português”.

Assim as primeiras imbricações culturais se realizam através das relações recíprocas. Todos querem ser fotografados, afinal eles chegaram e isto preciso ser registrado e enviado ao Brasil e compartilhado com os que aqui ficaram. E o cronista narrador está atento. Lança grandes apelos aos leitores. É hora de compartilhar:

“Se a Senhora é Parenta de Algum Expedicionário, Pode Ir ao Cinema Que “Ele” Está Lá – Mas se Exibissem Todos Os Filmes a Bordo, Daria Uma Fita Maior do que o “O Vento Levou”. A Corrida Pelas Fotografias e Cinematografistas – Atrás de Mim Alguém Me Puxa Pelo Salva-vidas – A Festa do Equador – os Diplomas do Rei Netuno, as Notas de 1 Dólar autografadas – Ao Alto-Falantes, O Jogo de Cartas a “Leite de Pato” – As lições de Línguas e Outras Coisas Assim. (BRAGA,1944)

E, a viagem rumo à guerra continua.

De Nápoles a Livorno os contatos se realizam mais profundamente e, assim, se manifesta o cronista:

“Assisti hoje a um diálogo extraordinariamente comovedor de um marinheiro americano e um cabo brasileiro. Nenhum dos dois fala 10 palavras da língua do outro, mas trocaram cigarros e chocolate, com amplos gestos de gentileza. Depois disso, um tirou uma fotografia do bolso e mostrou ao outro. O outro na mesma hora puxou suas fotografias de família e mostrou também. E ficaram ali os dois homens, cada um olhando em silêncio o retrato da noiva ou da mulher do outro – duas mulheres distantes, em Minas e no Nebraska”. BRAGA, 1944

A crônica “Um L.C.I. é bem menor que uma barca da Cantareira” publicada em 14/12/1944, no *Diário Carioca*, chega para o público leitor com uma diagramação diferente das anteriores. Não há “chamadas” habituais e nem tão pouco a presença de letras garrafais. Na edição daquele dia, o jornal apenas anuncia a crônica: “De Rubem Braga para o “Diário Carioca”. Em seguida, o título e o texto dividido em duas colunas com uma pequena foto do cronista entre as duas colunas do texto. Este texto foi escrito

a bordo de um L.C.I. no mar Tirreno. O correspondente jamais abandona seu olhar crítico sobre a censura.

”A princípio todo mundo ficou satisfeito com a beleza da costa italiana, mas quando veio o blackout [...] muita gente sucumbiu [...] e o correspondente do *Diário Carioca* acabou achando que devia ser solidário com a tropa. Mas agora há somente ondas amenas e podemos conversar com os tripulantes. São muitas histórias, muitas aventuras. À medida que vamos chegando perto da guerra o frio [...] aumenta.[...] Todo mundo agora está escrevendo cartas para a família, e o capitão que faz a censura me diz que todos falam bem da comida e do tratamento. BRAGA, 1944

O pesquisador por meio da escritura/narrativa de Rubem Braga está diante do “outro” materializado em escritura/textos e, desta forma, em narrativas que abrigam interlocuções de vozes, de contextos e fronteiras. As histórias produzidas durante a guerra foram acolhidas por suportes diferentes e em tempos diferentes, gerando receptores, experiências, diferentes. No movimento, rumo à guerra, os soldados, mas também o correspondente de guerra encontrarão outros homens vindos de outras terras que ao se deslocarem, carregam em suas bagagens suas histórias: “Atrás e à frente do nosso barco, muitos outros avançam na mesma direção, conduzindo homens do 2º Escalão da FEB para o norte da Itália.”³ (BRAGA, 1944). Eles estarão juntos num outro país que a guerra manejada pela força impiedosa e devastadora do fascismo transformou em campo de batalha. Logo, eles irão compartilhar um espaço pluricultural. No caso do correspondente de guerra, deslocar-se para viver uma guerra mundial significa também viver a circulação de sentidos e as trocas culturais não apenas como jornalista correspondente de guerra, mas também como homem. Todos, sem diferenças de divisas, estarão, igualmente, expostos às interpretações e às trocas, em regiões de fronteiras.

“Em Barga”: uma experiência de assimilação e re-apropriação textual

O texto “Em Barga”, como outros tantos textos que o correspondente de guerra publicou mostra como a mobilidade constitui a essência do ser, o instrumento de sua criatividade e de sua constante adaptação ao contexto espaço-temporal.⁴ A título de

³ Quando esta crônica foi publicada em livro, o correspondente colocou em nota de rodapé “66 barcos L.C.I., cada um levando aproximadamente o efetivo de uma companhia, fizeram a viagem em 36 horas. Na tarde do primeiro dia, vimos um dos espetáculos mais assustadores e belos da natureza: as trombas marinhas. São colunas de água que se erguem entre as ondas e s nuvens. Saint-Exupéry descreveu isso em seu livro *Terra dos homens*, no Capítulo 1 – “A Linha”; e Camões, no Canto V dos *Lusíadas*, a partir do verso 22. Não conheço outras descrições. É fantástico. A tropa já estava recolhida a seus alojamentos, lá embaixo” (C.G.I., 1985, p.29).

⁴ RODRIGUES, H. e KOHLER, H. *Introdução teórica*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p.13.

esclarecimento, o correspondente de guerra não publicou, no *Diário Carioca*, nenhuma crônica com este título. A crônica, com o título, “Em Barga”, sai em primeira edição em: *Com a FEB na Itália* (1945), datada em 31/10/1944. Esta data significa algo que não pode ser esquecido. Retalhos dos acontecimentos vividos neste dia estarão sempre presentes na obra do cronista. Resgate do que foi e não pode ser dito: “[...] em 30 de outubro, que Squeff e eu visitamos pela primeira vez a frente. Lembro-me bem quando nosso jipe transpôs o portão da cidade murada de Barga, burgo agrícola [...]”. Teria o cronista dado tempo ao tempo para denunciar o que a censura impediu? Como disse o cronista algumas décadas depois: “Em tempo de guerra já é muito não se mentir; dizer qualquer verdade é impensável.” (Revista Nacional, 15/01/1984). “Em Barga” será novamente publicado em *Crônicas da guerra na Itália* (1965/1985) e parte do texto em 1969, na revista *Realidade*, na reportagem: “Brasileiros na guerra”.

Apesar de não ter havido a publicação de um texto com o título “Em Barga”, no *Diário Carioca*, durante a guerra, os três textos que compõe esta crônica foram publicados neste jornal, em: 06/12/1944, 07/12/1944 e 09/12/1945, respectivamente, com os títulos: “Prelúdio da áspera luta”, “Os Brasileiros atacam de surpresa” e “Esta estranha guerra”. Artimanhas do correspondente de guerra para driblar os inquisidores, talvez?! Entre os textos que compõem “Em Barga” há pequenas alterações textuais, mas que não interferem na estrutura e nem no conteúdo do texto. Quanto ao penúltimo e ao último parágrafos de “Em Barga”, estes não pertencem a nenhuma das crônicas mencionadas. Tudo indica que durante a guerra mesmo o nome da cidade – Barga - não podia figurar nas reportagens enviadas ao Brasil. A nota de rodapé da crônica “Em Barga”, publicada nos livros, parece confirmar que a censura ferrenha estava lá para se fazer valer.

NOTA – Esta crônica, bastante truncada pela censura, refere-se ao ataque na frente de Barga, em 31 de outubro de 1944. Nossos homens conquistaram todos os objetivos, mas os alemães recuperaram suas posições, lançando um forte contra-ataque pela madrugada. As tropas em ação eram do 6º RI que teve muitas baixas. No dia seguinte, os brasileiros foram substituídos naquele setor, sendo mandados para a região de Porreta, onde lutaram até a ofensiva final. No dia 1º de novembro foi proibido aos correspondentes ir ao *front*.

O pequeno trecho de 1969 confirma as palavras ditas em nota por Rubem Braga em 1945: “[...]em Castelnuovo di Garfagnana jamais almocei: jantei e dormi agora, 25 anos depois: os nazistas ficaram lá até o fim da guerra e não só repeliram mais tarde um ataque bem mais forte de uma divisão de negros americanos, como ocuparam Barga. (*Realidade*: 1969, p.34).

á outros tantos casos que merecem ser apontados e que demonstram o esforço do correspondente em mostrar por meio do entrelaçamento de vozes narrativas e o apagamento de fronteiras, sugeridos e experienciados pelos mecanismos de aculturação e de transferência, a circulação de suas histórias numa multiplicidade de gêneros de escrita e de variedade de suportes. Ele soube como driblar a censura. Para isto, modificou títulos, alterou apresentações, travestiu histórias, sem deixar escapar a essência dos fatos. Manteve o humor, tônica de seu contar e, muitas vezes, sorriu com os pracinhas em voz baixa, lançando, em muitas situações, modos alternativos de percepção de práticas de escritura de construção de *selves*. Dos inúmeros exemplos, eu citaria um texto, onde ele trata de uma das suas grandes paixões: as artes plásticas⁵.

Trata-se de: “E os pracinhas bebem suco de grape-fruit. Mas no momento eu quero água. A porta se abre, estou dentro de um convento ou um colégio de freiras. Alguém vai me buscar água, e enquanto espero sou apresentado à superiora. Em minha frente há um quadro flamengo do século 16. A Senhora sustenta no braço o Menino, que segura os deditos do pé esquerdo com a mão direita. É uma têmpera, e sua graça inesquecível se destacava entre vários óleos medíocres com retratos de mártires. Trazem me o copo d’ água [...]” (“Essa estranha guerra”, 09/12/1944).

O texto de “Em Barga” é o mesmo da crônica anterior. Há apenas diferença na grafia de duas palavras. Já em 1969: “Encontro agora facilmente o mesmo convento, bato [...] a porta, sou recebido por uma pequena freira solícita, explico a minha história [...]”. As mudanças verificadas no texto acima foram as que o tempo e os fatos exigiram. Afinal, “[...] houve tanta confusão na guerra...[...]” (Realidade, p. 35). Os parágrafos: penúltimo e antepenúltimo de “Em Barga” são resgatados vinte e cinco anos depois, em 1969. Rubem Braga, em meio a sua viagem de reconhecimento, consulta seu livro de crônicas da guerra (1945, 1965, 1985) e coloca no texto da reportagem os dois parágrafos, entre aspas. “Em Barga”, 1945, há também uma frase no final do texto que pertence somente à crônica publicada nos livros: “Saimos novamente pelas ruas e estradas.”

⁵Originalmente, o trecho que apresento foi concebido na crônica “Essa estranha guerra” e publicado no *Diário Carioca* (1944). Em seguida, “Em Barga”, foi publicada em *Com a FEB na Itália* (1945 e C.G.I. 1965/1985) e na reportagem “Brasileiros na guerra”, na revista *Realidade*, em 1969. Conforme informação extraída de textos autográficos de Rubem Braga houve uma outra publicação, com o título de “Barga”, desta vez em “Caderno A”, em 1944. Esta versão ainda não foi encontrada. Após a guerra, “Barga” continuou presente em seus textos.

Após a guerra, Rubem Braga seguiu publicando textos que tratam das batalhas enfrentadas pelos soldados brasileiros na Itália e “Barga” está entre outras:

Essas datas, esses nomes, esses números dizem alguma coisa. Não, nada, porém do que poderia se chamar de vida íntima da FEB: a emoção dos dias e das noites. Os momentos de tristeza e derrotismo [...] os atritos [...] ou as divergências. E também não contam os instantes de confraternização com outros soldados ou com a população italiana. Principalmente o povo das aldeias de montanha. Não falam da saudade nem do medo, nem da raiva, do entusiasmo, do orgulho, de tudo que é a alma de uma guerra. Quer dizer, afinal, de toda essa aventura? (Arquivo Rede Globo – FEB- 25/04/1980)

Rubem Braga não mediu esforços para viver intensamente mais esta experiência de guerra que ele chama de “aventura”. Ele soube como captar a poesia e a ternura em meio aos horrores da guerra. Assim, ele descobre que a escritora Clarice Lispector estava morando no Sul daquele país:

Impulsivo, convenceu o jornal a deixar a guerra para fazer uma viagem até a casa da amiga, num Jeep de Exército, dirigido por um soldado. Foram 900 quilômetros de estrada com apenas duas paradas (Roma e Siena) e ao chegar foi recebido com licor, massas e berinjelas gratinadas. Dormiu, no dia seguinte, retornou ao front. *A Gazeta* (Caderno Dois), Vitória ES, 14/01/1996. “Ai de ti, Copacabana”, de Sandra Aguiar.

Referências

- BRAGA, R. *Crônicas da Guerra na Itália*. Rio de Janeiro: Editora Record. 1985.
- ESPAGNE, Michel. *Les transferts culturels franco-allemandes*. Paris :PUF, 1999.
- FARGE, Arlette. *Le goût de l'archive*. Paris: Seuil, 1989.
- GADAMER H-G. *Verité et Méthode – les grandes lignes d'une herméneutique philosophique*. Paris: Seuil, 1992.
- RODRIGUES, Helenice. “O exílio dos intelectuais e os intelectuais exilados”. In: RODRIGUES, HELENICE; KOLHER, Heliane (Org.). *Travessias e cruzamentos culturais: a mobilidade em questão*. Rio de Janeiro: Edição FGV, 2008.
- _____. “Transferência de saberes: modalidades e possibilidades”. In: *HISTÓRIA: Questões & Debates*. Curitiba, PR: Ed. UFPR, ano 27, n.53, jul/dez. 2010.
- HECKMAN, S. *Hermenêutica e sociologia do conhecimento*. Lisboa: 70, 1986.
- MACKENZIE, D.F. *La bibliographie et la sociologie des textes*. Luçon, France :Éditions du Cercle de la Librairie, 1991.
- RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.